

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA DO ESPORTE E DO LAZER NO BRASIL.

**ADEMIR GEBARA, PH. D.**

Dep. Educação/UNIMEP

O tratamento histórico dado à Educação Física aos esportes e ao lazer no Brasil caracterizou-se, até os anos oitenta, por uma polarização maniqueísta. O argumento que será desenvolvido nesta exposição, foi iniciado em 1989, tendo sido parcialmente trabalhado em situações posteriores<sup>1</sup>. A crítica aos trabalhos factuais e descritivos, levada a cabo a partir dos anos 1980, não foi suficientemente aprofundada, de tal maneira que construiu-se uma imagem de uma História em elaboração reformadora e crítica, relegando ao passado o factual e a qualidade duvidosa. Pretendemos neste texto apresentar algumas questões em torno da evolução da área, apontando a emergência de novas abordagens recusando esta polarização maniqueísta induzida pela tendência crítica dos anos 1980.

Até 1980 o conhecimento produzido se realizava com referências nos cursos de pós-graduação em Educação. Este quadro se alterou de maneira significativa com a abertura de novos cursos de pós-graduação em Educação Física, superando as narrativas ideológicas e maniqueístas até então hegemônicas na área. Inúmeros novos autores transformaram substancialmente este quadro, democratizando o conhecimento, ampliando o debate e diversificando as referências teóricas. Do ponto de vista da construção da narrativa histórica, a documentação passou a ser mais valorizada, e o apuro metodológico desenvolveu-se significativamente, com a busca de novos interlocutores no interior das Ciências Sociais, e mesmo ao nível da História da Educação, outras perspectivas de análise tem sido incorporadas ao debate. A produção historiográfica inicial localizou-se no interior de uma periodização tradicional, de natureza política, tratava-se de descrever os temas tal qual se verificaram na Colônia, no Império e na República. Mesmo trabalhos mais recentes, críticos em relação a natureza descritiva de seus predecessores, mantiveram esta periodização. A utilização desta perspectiva na construção da História da Educação Física, Esportes e Lazer coloca algumas questões prévias; afinal a qual tempo histórico estamos nos referindo para identificar os objetos em análise?

Periodizar é um procedimento básico para a seleção da documentação, da mesma maneira a construção do objeto a ser analisado impõe um determinado recorte cronológico.

A primeira interpretação histórica da Educação Física no Brasil é de autoria de Inezil Penna Marinho<sup>2</sup>, secundado por Jair Jordão Ramos<sup>3</sup>. Ambos constroem sua argumentação acerca das origens da História do Esporte, ou dos Desportos, no Brasil fundamentados na carta de Pero Vaz de Caminha<sup>4</sup>.

Inezil Penna Marinho inicia inúmeros de seus trabalhos com a mesma matriz utilizada em seu livro de maior calibre (1952/53), nestes textos, identifica as origens da História da educação física e dos esporte tratando do indígena brasileiro e dos primeiros colonizadores, ao relatar suas atividades físicas, tais como: canoagem, arco e flecha, lutas, dentro outras, ele nos remete ao tempo dos descobrimentos, formulando suas primeiras conclusões:

"No primeiro contato entre portugueses e índios do Brasil, tal qual o descreveu a célebre carta de Pero Vaz de Caminha, encontramos, como forma de captar a simpatia dos nativos, uma demonstração de ginástica acrobática, realizada pelo almoxarife Diogo Dias e assim descrita pelo escrivão da armada de Cabral: 'Depois de dançarem fez-lhes ali, andando no chão, muitas voltas ligeiras e salto real, de que eles se espantavam e riam e falavam muito'. Esta foi, sem dúvida, a primeira aula de ginástica realizada no Brasil."

Este mesmo trecho da Carta de Caminha é também ponto de partida dos trabalhos de Jair Jordão Ramos que, justiça seja feita, referencia com prioridade e destaque o pioneirismo e a argúcia de Penna Marinho no levantamento e utilização das fontes primárias relativas ao tema. De fato Jordão Ramos radicaliza um pouco mais a análise do tema, periodizando "A história da educação física e dos desportos no Brasil" (R.B.E.F., p.13) em três diferentes fazes: Colônia, Império e República; a partir desta periodização, o autor afirmará (p.15) sobre a mesma parte já citada do mesmo documento utilizado por Caminha:

"...Foi a primeira "aula" de recreação e ginástica praticada em nossa terra. Igualmente, interpretando o fato com um pouco de fantasia, pode-se atribuir a Caminha a glória de ter sido o primeiro cronista desportivo do Brasil."

É possível identificar uma sutil diferença nos textos dos dois autores. Enquanto Jordão Ramos de maneira mais enfática, fala em História do desporto no período colonial, bem como na existência de um cronista desportivo; observe que a "fantasia" na interpretação se refere a Caminha, e não ao fato da existência de uma atividade desportiva, Inezil Penna Marinho, mais cuidadoso, ainda que referindo-se diretamente a possíveis modalidades esportivas, (arco e flecha, natação, canoagem, corridas a pé, marchas, touradas e equitação), apenas se refere a "atividades físicas", o que sugeriria um maior rigor teórico na abordagem do tema. Sugeriria, não fosse um pequeno deslize cometido ao referir-se mais detidamente a equitação.

Ao referir-se a equitação, mais precisamente as cavalcadas levadas a efeito no nordeste, quando da dominação holandesa, Penna Marinho relata a comemoração de uma trégua entre holandeses e espanhóis naquela momento dominando o Brasil. Os batavos competiram em torneios equestres contra brasileiros e portugueses, neste relato o autor é traído quando, baseado em Frei Calado<sup>5</sup>, afirma (p.17): "...Os prêmios parecem ter sido os mais valiosos até hoje disputados em competições desportivas no Brasil...". Como se pode ver, estamos diante de autores que concordam no essencial. A História do Esporte no Brasil pode ser narrada desde o momento em que o país foi descoberto, e seus primitivos moradores contatados. Da mesma maneira, esporte, lazer, atividade física são similares.

Em torno dos anos 1980<sup>6</sup> novas perspectivas de análise se apresentaram, tanto no interior da área de Educação Física, quanto em outras áreas de estudo. Um importante desafio crítico e mais radical<sup>7</sup> em relação à produção historiográfica existente foi colocado mais recentemente por pesquisadores marxistas, de um lado devido ao desenvolvimento de abordagens inter- disciplinares, de outro lado devido ao surgimento de novos temas com maior ênfase sociológica, numa tentativa de "modernizar" o tratamento dado à História da Educação Física. Sobretudo, o surgimento acadêmico desta área, no interior das Faculdades de Educação Física, viria a consolidar este movimento, os cursos de graduação, passaram a incorporar esta disciplina em seus currículos.

Não obstante esta contribuição significativa, a abordagem histórica foi negligenciada. Uma nítida vinculação ideológica ao marxismo, e não sua utilização enquanto método de análise implicou em um quadro de referências pré-elaborado, de tal maneira que este grupo de pesquisadores, limitou-se a desenvolver uma análise crítica e partidária, por isso mesmo excludente. Afinal, que periodização propuseram? Em que extensão seus trabalhos se diferenciaram dos historiadores mais tradicionais, por eles criticados? Que novas fontes foram incorporadas ao debate?

Como foi já evidenciado a periodização político administrativa do Brasil foi sempre utilizada nas pesquisas, é um lugar comum presente também em muitas pesquisas na área de Educação, Economia, entre outras. Algo novo, especialmente a partir da segunda metade do século XX, dadas as dificuldades de compreender uniformemente o Brasil Republicano, especialmente devido as descontinuidades políticas advindas de Golpes de Estado e sub - seqüentes

redemocratizações, este período passou a ser subdividido na busca de uma maior coerência. Porém a mesma periodização foi mantida para os períodos do Império e da Colônia, onde tal coerência político-administrativa não era tão questionada.

Desta maneira, iniciando com a República Velha (1889-1930), vamos ao Período Vargas (1930-1945), Nova República (1946-1964) Período Militar (1964-1980) e Redemocratização. Realmente, como se vê, o grande desafio não estava sendo enfrentado. Estamos construindo a História da Educação Física, Esportes e Lazer, ou estamos trabalhando fenômenos ocorridos na História Política brasileira?

Uma abordagem mais elaborada desta posição esta presente no trabalho de Guiraldelli<sup>8</sup>. Sua periodização é absolutamente similar à indicada anteriormente para o período republicano: Educação Física Higienista até 1930, Educação Física Militarista de 1930 a 1945, Educação Física Pedagógica de 1945 to 1964, e Competitiva desde 1964. Como podemos ver os recortes cronológicos são idênticos, é ainda possível afirmar, baseado em informação dos autores, que esta periodização foi “importada” da História da Educação no Brasil<sup>9</sup>.

Construir a História das áreas temáticas inicialmente incorporadas pela denominação Educação Física, porém crescentemente autônomas, como é o caso da dança, lazer e esportes, em formações sociais específicas, significa buscar uma visão de longo prazo a respeito de processos históricos onde movimentos de continuidade e descontinuidade convivem em tensão, como é o caso do futebol jogo/racha em relação ao futebol espetáculo/empresa. Assumir uma análise conjuntural, ou mesmo de caso, pode induzir a um recorte cronológico problemático.

Mais recentemente, Mauro Betti<sup>10</sup> estudando aspectos da História da Educação Física Escolar, e assumindo referências teóricas distintas de Castellani e Guiraldelli, manteve a mesma periodização, contudo ao invés de se utilizar diretamente das marcas temporais oriundas da História Política, o autor argumenta que as diferentes formas de intervenção do Estado no sistema escolar é tão forte que pode justificar em por si só essa periodização. É uma variante mais elaborada da proposição anterior, evidenciando que tal posição não se explica por posições teórico metodológicas assumidamente diferentes. A questão de fundo parece ser a dificuldade teórica de identificar o próprio objeto de análise.

Um outro grupo de pesquisadores localizado fora da área<sup>11</sup>, e trabalhando com objetos de análise exteriores à Educação Física, como por exemplo a constituição da nacionalidade ou o autoritarismo das elites, documentam empiricamente seus argumentos em textos produzidos no interior da Educação Física, isso especialmente nos anos 1930, quando ela é utilizada como instrumento político ideológico. De qualquer maneira, ao discutir temas mais amplos, como a nacionalidade em construção, a disciplina dos corpos e a própria instrumentalização da escola, neste caso através também da Educação Física e dos esportes, um novo conjunto de problemas e sugestões de pesquisas são incorporados ao debate.

A década de 1980 foi corretamente considerada por Cavalcanti, em seu trabalho historiográfico pioneiro (1996, p. 105), “um marco teórico e histórico da Educação Física brasileira”, creio podermos acrescentar que este período significou uma transição entre a produção do conhecimento linear e subjetivo dos anos anteriores, para a elaboração mais teoricamente diversificada de pesquisas oriundas majoritariamente de cursos de pós-graduação.

Nos anos 1990, um movimento verificado no mundo acadêmico brasileiro, a realização dos Congressos Nacionais de História do Esporte Lazer e Educação Física, permitiu a construção de uma rede de pesquisadores mais preocupados com o avanço de trabalhos acadêmicos e de sistemas de pós graduação, do que com a confrontação de posições de pesquisadores, ou militantes na área.

O amadurecimento deste processo de constituição de núcleos de pesquisa e de produção sistemática do conhecimento histórico verificou-se com a realização de encontros anuais de pesquisadores da área, onde interagem

cerca de trezentos autores, com mais de novecentos trabalhos apresentados e publicados. Algumas tendências podem ser verificadas a partir da análise deste acervo, dentre elas destacamos: 1) presença de periodizações construídas a partir do objeto de análise; 2) a constituição do esporte e do lazer enquanto objetos de estudo exteriores à Educação Física; 3) o aparecimento de trabalhos historiográficos nos quais o documento histórico ganha proeminência na construção do discurso; 4) propostas crescentemente voltadas para novas abordagens, novos métodos e maior amplitude de referências teóricas; 5) presença marcante de jovens pesquisadores.

Oito congressos Nacionais foram já promovidos<sup>12</sup>, e algumas análises preliminares sobre a produção destes eventos foram apresentadas<sup>13</sup>. Momento significativo deste processo verificou-se quando da realização do VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física, promovido pelo programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, dois aspectos relacionados podem ser destacados. A publicação na Coletânea, das conclusões da Comissão de Avaliação do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física realizado no ano anterior em Maceió, indicando uma crescente preocupação com o direcionamento do debate sobre a produção acadêmica nestes eventos. E na mesma direção uma marcante presença de comunicações buscando referências teóricas capazes de dar conta das limitações até então detectadas, neste sentido é notório a preocupação dos autores com a recuperação histórica dos congressos de Educação Física realizados no Brasil, remontando a 1925, bem como com a formulação de críticas historiográficas mais presas a análise de textos de autores, abandonando definitivamente uma postura ‘partidária’ como ainda se verificou no Congresso de Belo Horizonte.

Para melhor avaliar a amplitude do que estamos afirmando, tomemos um trabalho antológico na nossa área<sup>14</sup>, recentemente publicado. Cotejando o índice do Handbook, observamos que a temática mais em evidência em termos internacionais, a ponto de se tornar referência para um livro texto de graduação, o mais amplamente divulgado que se tem notícia, esta já em pauta nas comunicações apresentadas no congresso do Rio de Janeiro. Mais ainda, na Introdução do Handbook é explicitada a presença destes eventos realizados no Brasil, e aos quais estamos nos referindo, ao lado de outros na Coreia e no Japão como evidência do desenvolvimento da área (p.XXIV). Apenas estes países, além do Brasil, são referenciados fora do contexto europeu e norte-americano.

Em uma primeira tentativa de síntese deste movimento iniciado em 1993 com o Congresso de Campinas, gostaríamos de propor três momentos para melhor focar o desenvolvimento deste processo. Um primeiro momento exemplificado pelos encontros de Campinas em 1993 e de Ponta Grossa em 1994, onde prepondera uma postura de identificação e descoberta de autores nacionais atuantes na área. A diversidade temática, bem como uma saudável desarticulação teórica, foram os corolários mais evidentes destes Congressos, naquele momento não por acaso denominados Encontros Nacionais. Ainda é preciso mencionar a sempre presente preocupação com a avaliação externa do evento, implementada a partir do encontro de Ponta Grossa, avaliação esta que incorporou ao movimento o Prof. Luis Carlos Ribeiro.

O Congresso de Curitiba em 1995, inicia um processo de transição aprofundado em Belo Horizonte em 1996 e Maceió em 1997. Dois movimentos são evidenciados, de um lado o financiamento externo aos eventos, permitindo publicações mais profissionais e a ampliação da natureza mais doméstica dos “encontros”. De outro lado, a presença de pesquisadores de outras áreas das Ciências Sociais, quer como participantes, quer como conferencistas convidados, indicou uma forte tensão sobre a natureza do conhecimento histórico que se pretendia alcançar. Em Curitiba um grupo de conceituados historiadores, alguns deles conferencistas nesta reunião da ANPUH é, pela primeira vez apresentado aos pesquisadores da nossa área, impondo um debate mais voltado para a prática do historiador profissional. Em Belo Horizonte, historiadores da Educação são convidados para efetuar as conferências mais destacadas do IV Encontro Nacional de História do Esporte Lazer e Educação Física, a preocupação metodológica é reiterada, bem como a busca

de relações mais próximas com colegas de uma área bastante próxima a educação Física, porém não tão próximas dos temas voltados para o Esporte e o Lazer.

O Encontro de Maceió, primeiro realizado no Nordeste, sem o suporte de uma Universidade com cursos de Pós Graduação consolidados, passou por uma severa avaliação. Talvez por isso mesmo sua importância ainda não tenha sido plenamente dimensionada, possivelmente a realização do IX Congresso no próximo ano em Recife venha a retomar esta questão. Pois bem, conferencistas com reputação internacional, como Eric Dunning, Mike Featherstone e Roland Renson, juntamente com Edgar DeDecca incorporam-se ao processo de debate no interior de nossa área.

Não mais Encontros, mas VI Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Sim em 1998 iniciamos uma nova fase no debate acadêmico iniciado romanticamente em 1993. Não apenas o evento se transforma em um Congresso Nacional com ampla participação internacional, mas dois outros fatores precisam ser apontados. O primeiro é a mudança significativa na qualidade dos trabalhos apresentados, podemos atribuir este fato a formação de inúmeros mestres e dos primeiros doutores em Educação Física, pesquisadores desta área, desenvolvendo temas apenas indicados em comunicações apresentadas nos primeiros eventos, esta fenômeno é marcante em relação aos estudantes dos programas da Unicamp e da Unicamp e da Gama Filho. Este mesmo movimento consolidou também a participação dos orientadores, agora pesquisadores mais experientes, justamente por estarem vivenciando as defesas de mestrado e os primeiros doutoramentos.

Gostaria ainda, finalizando este primeiro balanço de chamar a atenção para o conjunto de textos de crítica historiográfica, de balanço da produção na área e de proposições teóricas, quer sejam textos completos como o de Lamartine P. da Costa e de Hugo Lovisoló<sup>15</sup>, quer sejam referências críticas ou abordagens teóricas que se apresentavam no interior de inúmeras comunicações. Estes textos apresentam agora uma linha de argumentação propositiva, superando definitivamente as posturas maniqueístas tão presentes na área. Indicam um novo momento que deverá se consolidar nos próximos Congressos, ou mesmo, e também, na constituição de Grupos de Trabalho no interior da ANPUH.

E assim continuamos agora com uma nova geração de orientadores e orientandos, dialogando no interior e nas múltiplas convergências da área. Esta nossa presença na Associação Nacional de História é uma evidencia bastante significativa da permanente busca de qualificação de nossos trabalhos.

Notas:

---

<sup>1</sup> - O primeiro texto foi apresentado em Mesa Redonda: 'A pesquisa em História e em Sociologia da Educação Física e do Esporte' e publicado nos ANAIS do IIº Simpósio Paulista de Educação Física, Depto de Educação Física/Instituto de Biociências, UNESP, Rio Claro, 1989, pp.30-37. Posteriormente este texto foi desenvolvido e apresentado no 38th Word Congress da ICHPER- SD em Gainesville na Flórida e publicado nos PROCEEDINGS, pp.72-73. Na

COLETÂNEA do IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, UFMG, Belo Horizonte, 1996, pp. 71-80 uma outra parte deste tema foi desenvolvida.

<sup>2</sup> - Vários textos do autor foram consultados, ver especialmente: *História da educação física e desportos no Brasil*. Rio de Janeiro. DEF-MES, 1952-53,4v. *História da Educação Física no Brasil: exposição-bibliografia-legislação*, São Paulo. Cia Brasil Editora.s.d. *Contribuição para a História da Educação Física e Desportos no Brasil: Brasil Colônia - Brasil Império - Brasil República*. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1943.

<sup>3</sup> -Em especial *Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias*. São Paulo Ibrasa. 1982. Ver ainda *Educação Física e Desportos no Brasil: Considerações Gerais* in *Revista Brasileira de Educação Física*. (R.B.E.F.) MEC, n°20.

<sup>4</sup> -Existem várias edições publicadas deste documento, Penna Marinho apoiou-se na edição de 1939, lançada no Rio de Janeiro por S.D. e impressa por J. Borsoi Junior. Esta edição contém inúmeros erros, para confronto, utilizei, neste artigo a *Carta a El Rei D.Manuel*, em português moderno, com divisão em tópicos, glossário e índice remissivo, preparada por Leonardo Arroyo. São Paulo, Editora Dominus, 1963.

<sup>5</sup> -Calado, F. M.- *O valoroso lucidemo e Triunfo da Liberdade*. Recife, 1942, 2 vol.

<sup>6</sup> Sobre os anos 1980 e sua importância na constituição de discursos historiográficos na História da Educação Física, ver Verter Paes Cavalcanti “Produção do Discurso Historiográfico da Educação Física Brasileira na década de 80”; Dissertação de Mestrado em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, 1996.

<sup>7</sup> - Sem uniformidade, este grupo de pesquisadores tem uma posição crítica e de militância política como sua maior característica, ver por exemplo: in *Conversando Sobre o Corpo*, Papyrus, Campinas, 1985 os artigos escritos por Lino Castellani Filho e Maria Izabel S. Lopes, também em uma perspectiva teórica bastante ortodoxo ver in *Ensaio: Educação Física e Esporte*, UFES, Vol. III, 1994 os artigos de Amarílio Ferreira Neto e Máuri de Carvalho. Ver também Katia Brandão Cavalcanti in *Esporte para Todos: um discurso ideológico*, mestrado UFRJ, 1982.

<sup>8</sup> -Paulo Guiraldelli Junior em seus trabalhos de 1985 a 1990 claramente reforça essa periodização, ver: *Educação Física Progressista. A pedagogia crítico social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira*. São Paulo, Loyola, 1988.

<sup>9</sup> - Tanto Lino Castellani Filho e Paulo Guiraldelli indicam o artigo de Demerval Saviani ‘Tendências e Correntes da Educação Brasileira’ in D. Trigueiro Mendes (org) *Filosofia da Educação Brasileira*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1983, como a grande fonte de inspiração para sua periodização e interpretação da História da Educação Física no Brasil

<sup>10</sup> - Ver de Mauro Betti *A Educação Física na Escola Brasileira de 1ª e 2ª graus: uma abordagem sociológica*, tese de mestrado, USP, São Paulo, 1988.

<sup>11</sup> - Trabalhos como: Alcir Lenharo *Corpo e Alma: mutações do poder no Brasil dos anos 30 e 40* Tese de Doutorado, USP, São Paulo 1985 e o trabalho de Magali Alonso de Lima *A Educação Física no Estado Novo (1937-1945)*, tese de mestrado, Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, 1980, são bons exemplos desta posição.

<sup>12</sup> - Foram já realizados os seguintes eventos, promovidos pelas universidades indicadas: 1993 Universidade Estadual de Campinas, 1994 Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1995 Universidade Federal do Paraná, 1996 Universidade Federal de Minas Gerais, 1997 Universidade Federal de Alagoas, 1998 Universidade Gama Filho, 2000 Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002 Universidade Estadual de Ponta Grossa.

<sup>13</sup> - Já no III Encontro Nacional da História do Esporte, Lazer e Educação Física, realizado de 10 a 15 de novembro de 1995 na Universidade Federal do Paraná, Miguel A de Freitas Junior apresentou trabalho *O Primeiro Encontro de História da Educação Física e Esportes*, iniciando a avaliação destes eventos. Na Coletânea do IV Encontro Nacional, realizado na Universidade Federal de Minas Gerais, inúmeros autores dão continuidade à discussão iniciada por Freitas, e uma mesa redonda denominada *História e Historiografia* é organizada.

<sup>14</sup> Trata-se do *Handbook of Sports Studies* Editado por Jay Coakley & Eric Dunning, Londres, Sage Publications Ltda, 2002. Trata-se de um livro com 53 colaboradores de diferentes países, mas com predominância de europeus e norte-americanos, estes 53 textos foram centrados em 4 grandes tópicos: 1)perspectivas de em sociologia do Esporte, 2) Diferenças e conexões cros-disciplinares, 3)Tópicos chave, e 4) Pesquisas em Esporte e Sociedade no mundo.

<sup>15</sup> - Lamartine profere a Conferencia Inaugural discorrendo sobre *Caminhos, Meios e Estratégias da História do Esporte no Brasil (1925 – 1998)* pp.17 – 22. Lovisolo formula uma crítica historiográfica bastante pertinente intitulada *História Oficial e História Crítica: Pela Autonomia do Campo*.